

Paulo Ernani Ramalho Carvalho

Espécies Arbóreas Brasileiras



Peroba-Rosa
Aspidosperma polyneuron

volume

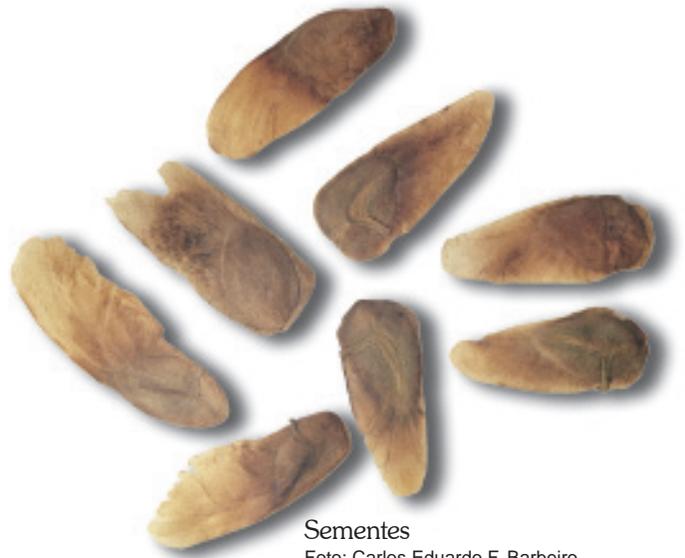
1

Peroba-Rosa

Aspidosperma polyneuron



Plantio (Santa Helena, PR)
Foto: Paulo Ernani R. Carvalho



Sementes
Foto: Carlos Eduardo F. Barbeiro



Folhas
Foto: Paulo Ernani R. Carvalho



Casca externa
(Carlópolis, PR)
Foto: Paulo Ernani R. Carvalho



Frutos
Foto: Vera L. Eifler

Peroba-Rosa

Aspidosperma polyneuron

Taxonomia e Nomenclatura

De acordo com o Sistema de Classificação de Cronquist, a taxonomia de *Aspidosperma polyneuron* obedece à seguinte hierarquia:

Divisão: Magnoliophyta (Angiospermae)

Classe: Magnoliopsida (Dicotyledonae)

Ordem: Gentianales

Família: Apocynaceae

Espécie: *Aspidosperma polyneuron* Mueller Argoviensis; Mart. Fl. Bras. v.6, n.1, p.57, 1860.

Sinonímia botânica: *Aspidosperma dugandii* Standl.; *Aspidosperma peroba* Saldanha da Gama; *Aspidosperma venosum* Muell. Arg.

Nomes vulgares no Brasil: amargoso, guatambu-amarelo, pau-caboclo e peroba-verdadeira, na Bahia; pereiro e peroba-comum, em Minas Gerais; peroba, em Minas Gerais, no Paraná e no Estado de São Paulo; peroba-açu, peroba-mirim e perobeira, no Estado de São Paulo; peroba-amarela, na Bahia e no Estado de São Paulo; peroba-amargosa; peroba-branca; peroba-miúda; peroba-osso, no

Espírito Santo; peroba-paulista; peroba-rajada; peroba-de-são-paulo; peroba-do-rio; perobinha; perova, no Paraná e no Estado de São Paulo; e sobro, no Espírito Santo e no Estado do Rio de Janeiro.

Nomes vulgares no exterior: acerillo, no Peru; carreto, na Venezuela; comulá, na Colômbia; palo rosa, na Argentina; e yvyra ro'mi, no Paraguai.

Etimologia: *Aspidosperma* descreve a morfologia da semente, que se acha rodeada por larga asa circular. O termo é formado pela aglutinação de *aspis* (escudo) e *sperma* (semente) (Marquiori, 1995); *polyneuron* significa muitas nervuras. O nome peroba-rosa vem da coloração rosada nos primeiros tempos após o beneficiamento.

Descrição

Forma biológica: árvore perenifólia, com 15 a 25 m de altura e 50 a 100 cm de DAP, podendo atingir até 50 m de altura e 390 cm de DAP, na idade adulta.

Tronco: cilíndrico, reto ou levemente tortuoso. Fuste retilíneo, geralmente medindo 12 a 20 m, atingindo, excepcionalmente, 30 m.

Ramificação: cimosa, ramifica-se somente na parte superior do tronco. Copa alta, corimbiforme, densa, com râmulos trifurcados característicos, o que facilita sua identificação no meio das demais árvores, mesmo a longa distância.

Casca: grossa, com espessura de até 50 mm. A casca externa é cinzenta a castanho-grisácea, áspera, profundamente fissurada longitudinalmente.

A casca interna, ao ser raspada, apresenta um róseo muito intenso por dentro e a parte viva amarelada, da qual resultam dois estratos nítidos compondo a casca.

Folhas: simples, alternas, variáveis quanto à forma, oblongas a obovado-elípticas, algumas vezes lustrosas na face superior, com ápice arredondado e margem inteira, com até 8 cm de comprimento e 3 cm de largura; firmemente membranáceas ou subcoriáceas, as nervuras secundárias muito apertadas e paralelas.

Flores: tubulares branco-amareladas a creme, numerosas, pequenas, em curtas panículas terminais de 1 a 4 cm de comprimento, difíceis de serem vistas na floresta.

Fruto: folículo deiscente, elipsóide, séssil, geralmente achatado (às vezes atenuado na base), semilenhoso, com 2,5 a 6 cm de comprimento por 1 a 2 cm de largura, com uma crista mais ou menos proeminente, de coloração pardo-escuro, densamente coberto de lenticelas bem visíveis, com 2 a 5 sementes por fruto.

Semente: elíptica, com 2 a 4 cm de comprimento por 8 a 10 mm de largura, provida de núcleo seminífero basal, do qual parte uma asa membranácea, parda.

As sementes são albuminosas e apresentam alta taxa de poliembrião em sementes mais jovens (Souza & Moscheta, 1987).

Biologia Reprodutiva e Fenologia

Sistema sexual: planta hermafrodita.

Vetor de polinização: espécie provavelmente polinizada por mariposa (Morellato, 1991).

Floração: de setembro a janeiro, no Estado de São Paulo; em novembro, em Minas Gerais, e de novembro a dezembro, no Paraná.

Frutificação: os frutos amadurecem em maio, em Minas Gerais; de junho a novembro, no Estado de São Paulo; de julho a setembro, no Espírito Santo e de julho a outubro, no Paraná.

Na Região de Bauru, SP, foram observados frutos durante quase todo o ano (Koch & Kinoshita, 1999).

Contudo, no Estado de São Paulo é comum haver anos sem frutificação, sendo produzidas grande quantidade de sementes apenas a cada 2 a 4 anos (Kageyama et al., 1991).

No Paraguai, a floração e a frutificação dessa espécie acontecem a cada 2 a 3 anos (Brack & Weik, 1993). O processo reprodutivo inicia por volta de 20 a 30 anos de idade (Durigan et al., 1997).

Dispersão de frutos e sementes: anemocórica, pelo vento.

Ocorrência Natural

Latitude: 10° N na Venezuela a 25°50' S no Brasil, no Paraná. No Brasil, o limite Norte da peroba-rosa possivelmente dá-se a 9° S em Mato Grosso e pelo Leste a 11°30' S na Chapada Diamantina, BA. Rambo (1980) menciona como limite Sul para a peroba-rosa, o extremo noroeste do Rio Grande do Sul, na Mata do Rio Uruguai.

Variação altitudinal: de 25 m, no litoral do Rio de Janeiro (Nascimento et al., 1996), e 1.300 m de altitude, em Minas Gerais (Pedralli et al., 1997).

Distribuição geográfica: *Aspidosperma polyneuron* ocorre de forma natural no extremo nordeste da Argentina (Martinez-Crovetto, 1963), no norte da Colômbia, no norte e no leste do Paraguai (Lopez et al., 1987), no Peru, no noroeste e no norte da Venezuela (Finol Urdaneta & Melchior, 1970).

No Brasil, essa espécie ocorre nos seguintes Estados (Mapa 88):

- Bahia (Luetzelburg, 1922/1923; Soares & Ascoly, 1970; Mello, 1973; Pinto et al., 1990).
- Espírito Santo (Magnanini & Mattos Filho, 1956; Thomaz et al., 2000).
- Goiás.
- Mato Grosso (Chimelo et al., 1976; Fachim & Guarim, 1995; Moraes & Guarim Neto, 2000; Pasa & Guarim Neto, 2000).
- Mato Grosso do Sul (Leite et al., 1986).
- Minas Gerais (Brandão & Brandão, 1995; Brandão et al., 1995; Gavilanes et al., 1995; Carvalho et al., 1996; Bernardo, 1997; Pedralli et al., 1997; Brina, 1998).
- Paraná (Paraná, 1968; Dombrowski & Scherer Neto, 1979; Inoue et al., 1984; Souza & Moscheta, 1987; Galvão et al., 1989; Roderjan & Kuniyoshi, 1989; Goetzke, 1990; Roderjan, 1990a; Oliveira, 1991; Soares-Silva et al., 1992; Silva et al., 1995; Nakajima et al., 1996; Kinupp et al., 1998).

- Estado do Rio de Janeiro (Nascimento et al., 1996).
- Rondônia.
- Estado de São Paulo (Kuhlmann & Kuhn, 1947; Mainieri, 1970; Nogueira, 1976; Assumpção et al., 1982; Kageyama, 1986; Demattê et al., 1987; Pagano et al., 1987; Matthes et al., 1988; Vieira et al., 1989; Grombone et al., 1990; Nicolini, 1990; Toledo Filho et al., 1993; Kotchetkoff-Henriques & Joly, 1994; Costa & Mantovani, 1995; Durigan & Leitão Filho, 1995; Durigan et al., 1996; Rozza & Rodrigues, 1996; Nave et al., 1997; Toledo Filho et al., 1997; Koch & Kinoshita, 1999; Nóbrega et al., 2000; Toledo Filho et al., 2000).

Aspectos Ecológicos

Grupo sucessional: espécie secundária tardia (Durigan et al., 1996) ou clímax tolerante à sombra.

Características sociológicas: a peroba-rosa apresenta regeneração natural satisfatória sob o dossel, ocorrendo em todos os estratos na floresta, com a mesma importância relativa, chegando a formar agrupamentos densos, perobais, que outrora cobriam áreas extensivas, (atualmente diminuídas pela exploração intensiva), permitindo a extração de até 400 m³ de peroba por alqueire (Facchini, 1970).

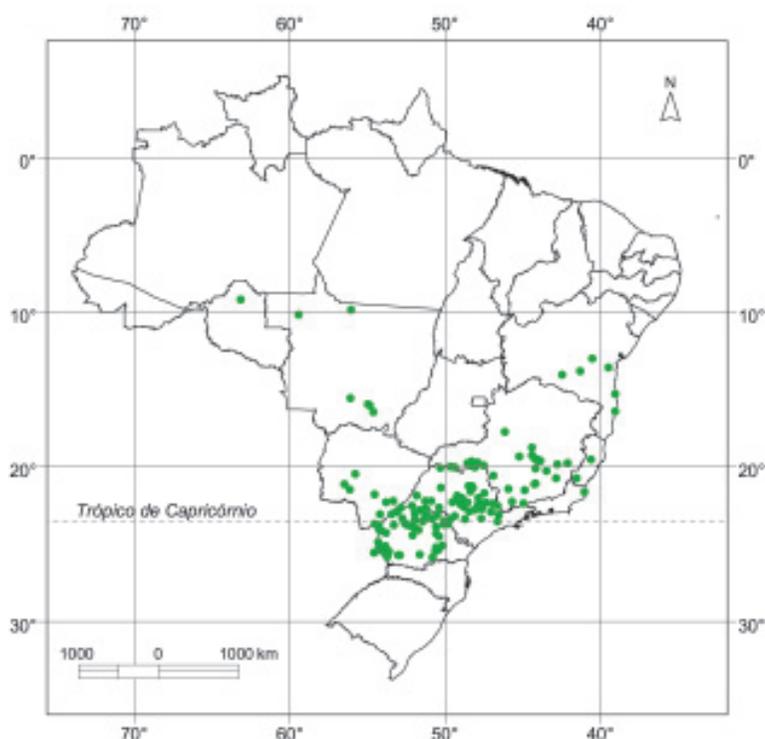
No estrato superior, os indivíduos apresentam-se com distribuição aleatória, enquanto nos estratos inferiores ocorrem agregados (Durigan et al., 1996). Não ocorre em pastos ou em terrenos abertos. É árvore longeva, podendo ultrapassar 1.200 anos de idade.

Regiões fitoecológicas: *Aspidosperma polyneuron* é espécie característica da Floresta Estacional Semidecidual, na formação montana e submontana (Veloso et al., 1991).

A floresta situada em solos provenientes do Arenito Caiuá, do oeste e do noroeste do Paraná e do sudeste de Mato Grosso do Sul, era visivelmente dominada por *A. polyneuron*, que perfazia aproximadamente 30% a 60% da cobertura do estrato emergente (Leite et al., 1986).

Nas florestas situadas em terra roxa estruturada, no norte do Paraná, *A. polyneuron* desempenhava papel relevante, dominando de forma evidente, constituindo, não raro, de 60% a 80% da cobertura do estrato emergente (Klein, 1985).

Essa espécie é encontrada, também, na Floresta Estacional Decidual; na Floresta Ombrófila Densa (Floresta Amazônica) no extremo noroeste de Mato Grosso (Chimelo et al., 1976); em menor escala na Floresta Ombrófila Mista (Floresta com Araucária) no sul do Paraná, onde é rara (Galvão et al., 1989); esporadicamente no domínio da Caatinga, em Minas Gerais (Brandão & Gavilanes, 1994), no Pantanal Mato-Grossense e nas matas de tabuleiro (Nascimento et al., 1996).



Mapa 88. Locais identificados de ocorrência natural de peroba-rosa (*Aspidosperma polyneuron*), no Brasil.

Densidade: em levantamento fitossociológico realizado à margem do Rio do Peixe, no Estado de São Paulo, foram encontradas entre 6 a 36 árvores por hectare (Vieira et al., 1989; Toledo Filho et al., 2000).

Clima

Precipitação pluvial média anual: desde 850 mm na Bahia a 2.400 mm em Mato Grosso.

Regime de precipitações: chuvas uniformemente distribuídas no centro-sul do Paraná e no sul da Bahia, e principalmente periódicas, com chuvas concentradas no verão, nas demais regiões.

Deficiência hídrica: nula, no centro-sul do Paraná e no sul da Bahia, a moderada, com estação seca até 5 meses de duração no Estado de São Paulo, na Bahia e no centro-oeste de Minas Gerais.

Temperatura média anual: 17,6°C (Ponta Grossa, PR) a 25,6°C (Cuiabá, MT).

Temperatura média do mês mais frio: 13,5°C (Ponta Grossa e Telêmaco Borba, ambas no Paraná) a 22°C (Cuiabá, MT).

Temperatura média do mês mais quente: 21,4°C (Ponta Grossa, PR) a 27,4°C (Cuiabá, MT).

Temperatura mínima absoluta: -6°C (Ponta Grossa, PR).

Número de geadas por ano: médio de 0 a 9; máximo absoluto de 22 geadas, no Paraná.

Tipos climáticos (Koeppen): tropical (Am e Aw); subtropical úmido (Cfa), no norte e no noroeste do Paraná; temperado úmido (Cfb), menos freqüente, no centro-sul do Paraná e subtropical de altitude (Cwa e Cwb).

Solos

A peroba-rosa atinge grande porte em Latossolo Vermelho distroférrico (Latossolos férteis) e em Nitossolo Vermelho eutroférrico (Terra Roxa estruturada), provenientes da decomposição do basalto e do diabásio.

Nos solos mais fracos, como os de origem arenítica e nos espigões mais secos, ela atinge porte menor. Ocorre em solos bem drenados e de textura areno-argilosa a argilosa.

Sementes

Colheita e beneficiamento: os frutos da peroba-rosa dispersam suas sementes quase

imediatamente após a modificação da coloração do verde para o marrom-escuro e devem ser coletados antes da dispersão, para evitar a perda de sementes.

A coleta dos frutos geralmente é trabalhosa, devido à altura das árvores, sendo necessário o uso de cinto de segurança e esporões para subir à copa da árvore, procedendo-se assim a coleta com o uso de podões ou ganchos metálicos (Hess, 1981).

Após a coleta, os frutos são postos em ambiente ventilado, para a deiscência e extração das sementes.

Número de sementes por quilo: 3.600 a 14.000 (Lorenzi, 1992).

Tratamento para superação da dormência: não apresenta dormência.

Longevidade e armazenamento: as sementes da peroba-rosa apresentam comportamento recalcitrante (Eibl et al., 1994) e perdem a viabilidade em 6 meses, em condições de ambiente não controlado. Contudo, elas mantêm a viabilidade por até 8 anos, se armazenadas em câmara fria a 5°C (Durigan et al., 1997).

Germinação em laboratório: as melhores temperaturas para germinação das sementes são 20°C em papel mata-borrão verde ou vermiculita nº 3, e papel mata-borrão verde ou branco a 25°C (Ramos & Bianchetti, 1984).

Produção de Mudas

Semeadura: recomenda-se semear em recipientes, sacos de polietileno com dimensões mínimas de 20 cm de altura e 7 cm de diâmetro, ou em tubetes de polipropileno grande. Quando necessária, a repicagem pode ser efetuada 4 a 6 semanas após a germinação.

Germinação: epígea, com início entre 14 a 60 dias após a semeadura. O poder germinativo varia entre 35% a 70%. A formação da muda é muito lenta, mínimo de 9 meses após a semeadura.

Cuidados especiais: na fase de produção de mudas, é aconselhável aplicar fertilizantes, bem como fazer o sombreamento dos canteiros.

Propagação vegetativa: Ribas et al. (1998) estabeleceram um protocolo regenerativo baseado na embriogênese somática para a peroba-rosa, e Carvalho et al. (1999) conduziram trabalhos para micropropagar e induzir calos em explantes dessa espécie.

Características Silviculturais

A peroba-rosa é uma espécie semi-heliófila (Lopez et al., 1987). Inicialmente, necessita de

sombreamento com intensidade moderada e, com o passar dos anos, tolera luz.

É espécie medianamente tolerante a baixas temperaturas, quando jovem. Em florestas naturais, árvores adultas suportam temperaturas mínimas de até -6°C , no Centro-Sul do Paraná.

Hábito: seu crescimento em altura dá-se sempre através de três brotos, sendo que dois são suprimidos e apenas um deles prevalece; este emite também três brotos, e até nas plantas adultas os galhos terminam em três pequenos ramos.

Apresenta desrama natural e cicatrização boas, principalmente em plantio denso. Sob espaçamentos mais largos (3 m x 3 m), necessita de desrama artificial, já que apresenta bifurcações próximas ao solo.

Métodos de regeneração: a peroba-rosa é inadequada para plantio puro a pleno sol, mesmo em solo de boa fertilidade química, chegando em alguns plantios a apresentar 100% de mortalidade (Tabela 79). Recomenda-se plantio misto, associado com espécies pioneiras.

Há resultados bem-sucedidos de plantio de peroba-rosa com grevilea (*Grevillea robusta*), de peroba-rosa com calabura (*Muntigia calabura*) ambos no Estado de São Paulo (Gurgel Filho et al., 1982b; Mora et al., 1980) e com outras pioneiras.

Vale salientar que nesses plantios as plantas de peroba-rosa, circundadas pelas plantas dessas espécies, apresentam maior crescimento em relação aos plantios homogêneos de peroba.

Em função de sua exigência ecológica, essa espécie parece necessitar de uma espécie estimuladora como vizinha para ter seu crescimento e tronco favorecidos (Kageyama & Castro, 1989).

Ela também pode ser estabelecida em vegetação matricial arbórea em capoeira, capoeirão ou em floresta secundária, com a abertura de faixas e plantio em linhas. Não brota dos tocos, após o corte.

Melhoramento e Conservação de Recursos Genéticos

Aspidosperma polyneuron é uma espécie que se encontra em extinção no norte do Paraná (Souza & Moscheta, 1987) e em Mato Grosso, onde está na categoria de espécie vulnerável (Fachim & Guarim, 1995), necessitando, com urgência, de programa de conservação genética.

Essa espécie encontra-se na lista das espécies para conservação ex-situ e in situ, no Brasil (Siqueira & Nogueira, 1992) e na Venezuela, onde é

considerada muito ameaçada no Estado de Zulia (Finol Urdaneta & Melchior, 1970).

Testes de origens, realizados no Estado de São Paulo, mostraram variações de altura entre as procedências e progênes testadas (Nogueira & Siqueira, 1976).

Crescimento e Produção

O crescimento inicial da peroba-rosa é muito lento, mas a produção volumétrica, a partir de 12 anos, já enquadra a espécie como de crescimento moderado (Tabela 79), chegando a atingir $5,90 \text{ m}^3 \cdot \text{ha}^{-1} \cdot \text{ano}^{-1}$. Em condições ideais, o incremento médio anual em altura, nas primeiras 2 décadas, é de aproximadamente 50 cm (Kageyama et al., 1991).

Características da Madeira

Massa específica aparente: a madeira da peroba-rosa é moderadamente densa ($0,66$ a $0,85 \text{ g} \cdot \text{cm}^{-3}$), a 15% de umidade (Pereira & Mainieri, 1957; Labate, 1975, Mainieri & Chimelo, 1989) e 650 a $870 \text{ kg} \cdot \text{m}^{-3}$, com madeira seca ao ar (Chimelo et al., 1976).

Cor: o albúrnio é de coloração amarelada, quando exposto ao sol, e o cerne varia do róseo-amarelado ao amarelo-queimado, levemente rosado, mais freqüentemente vermelho-rosado, uniforme ou com veios ou manchas escuras.

Características gerais: superfície sem lustre e lisa ao tato; textura fina; grã direita ou reversa. Quando rajada de preto, é bem reversa, sendo conhecida por peroba-mirim. Tem cheiro imperceptível e gosto ligeiramente amargo. É flexível, mas racha facilmente.

Durabilidade natural: madeira com baixa resistência ao ataque de organismos xilófagos. Estacas de cerne dessa espécie mostraram ser não resistentes a fungos e resistentes a cupins (Cavalcante et al., 1982). A vida média da madeira da peroba-rosa, em contato com o solo, é inferior a 9 anos (Rocha et al., 2000).

Preservação: madeira de baixa permeabilidade às soluções preservantes, em tratamentos sob pressão.

Outras Características

- Entre as espécies de *Aspidosperma* é, sem dúvida, a espécie de maior valor econômico.
- Atualmente, toda a madeira de peroba-rosa utilizada no Brasil é importada do Paraguai, onde ainda é abundante, mas pouco utilizada.

Tabela 79. Crescimento de *Aspidosperma polyneuron* em experimentos no Paraná, em Minas Gerais e no Estado de São Paulo.

Local	Idade (anos)	Espaçamento (m x m)	Plantas vivas (%)	Altura média (m)	DAP médio (cm)	IMAv (a)	Classe de solo (a)
Bauru, SP ¹	12	5,24	5,9	...	PVAd
Campo Mourão, PR ²	5	3 x 3	70,3	1,76	LVdf
Cosmópolis, SP ³	20	8,60	10,0	...	LVdf
Dionísio, MG ⁴	12	2 x 2	76,4	7,80	9,7	5,55	LVd
Foz do Iguaçu, PR ⁵	3	3 x 3	0,0	LVdf
Foz do Iguaçu, PR (c) ⁶	6	5 x 2	95,2	3,13	4,9	...	LVdf
Foz do Iguaçu, PR ⁷	11	4 x 4	43,7	6,21	9,0	...	LVdf
Jundiá, SP ⁸	18	9,20	15,0	...	PVAd
Maringá, PR (b) ⁹	4	4 x 4	64,6	0,62	LVdf
Rio de Janeiro, RJ ¹⁰	17	3 x 3	96,0	7,00	8,7
Santa Helena, PR(e) ¹¹	5	4 x 2	25,0	2,06	LVef
Santa Helena, PR(g) ¹²	10	3 x 3	12,5	4,75	6,5	...	LVef
Santa Helena, PR(h) ¹²	10	3 x 3	12,5	6,00	7,5	...	LVef
Santa Helena, PR ⁷	10	4 x 4	75,0	6,46	8,1	...	LVef
Santa Rita do Passa Quatro, SP(f) ¹³	16	2 x 2	...	10,60	10,4	...	LVd
Santa Rita do Passa Quatro, SP ¹³	19	2 x 2	...	8,17	7,1	2,47	LVd
São Simão, SP ¹⁴	14	2 x 2	75,0	8,44	10,0	5,90	LVdf
Viçosa, MG(c) ¹⁵	5	3 x 3	86,1	0,75

(a) Incremento médio anual em volume sólido com casca ($m^3 \cdot ha^{-1} \cdot ano^{-1}$), calculado pelos autores.

(b) PVAd = Argissolo Vermelho-Amarelo distrófico; LVdf = Latossolo Vermelho distroférrico; LVd = Latossolo Vermelho distrófico;

LVef = Latossolo Vermelho eutroférrico

(c) Plantio de enriquecimento em capoeira.

(d) Dados fornecidos pela Itaipu Binacional.

Fontes: ¹ Nogueira & Siqueira, 1976.

² Silva & Torres, 1992.

³ Nogueira, 1977.

⁴ Mendes et al., 1983.

⁵ Embrapa Florestas.

⁶ Itaipu.

⁷ Embrapa Florestas / Itaipu Binacional.

⁸ Andrade, 1961.

⁹ Martins et al., 1991.

¹⁰ Almeida, 1943.

¹¹ Zelazowski & Lopes, 1993.

¹² Itaipu Binacional.

¹³ Gurgel Filho et al., 1982b.

¹⁴ Gurgel Filho et al., 1982a.

¹⁵ Vale et al., 1974.

- Pode substituir a madeira da teca (*Tectona grandis*) na construção naval, porque depois da teca, é a que menos oxida os metais com os quais esteja em contato.
- Devido à grã reversa, a madeira de peroba-rosa tende a rachar ao ser pregada. Para evitar isso, os carpinteiros empregam artifícios tais como amassar a ponta do prego antes de pregar; outro artifício usado pelos carpinteiros é furar no local, com broca mais fina, até 2/3 da espessura da peça, e só depois bater o prego.

indústria de móveis e indicada, principalmente, em construção civil, para caibros, ripas, forro, marcos de portas e janelas, venezianas, portões, rodapés, molduras, tábuas; construção naval e canoas (o tronco todo), vigamentos, esquadrias, obras externas, construção de vagões, móveis escolares, carrocerias, cabos de ferramentas, produção de folhas faqueadas e parquet.

É de uso quase irrestrito em carpintaria, na fabricação, entre outros objetos, de vigas, escadas, tacos e de móveis pesados. Sem tratamento preservante, os dormentes dessa madeira apresentam uma vida útil média de 6 anos (Mucci et al., 1992).

Produtos e Utilizações

Madeira serrada e roliça: a madeira de peroba-rosa, por ser de resistência mecânica e retratibilidade médias, era muito usada na

Energia: lenha de boa qualidade, com poder calorífico de 4.750 kcal/kg.

Celulose e papel: espécie inadequada para este uso. Comprimento das fibras de 1,35 mm e lignina com cinzas de 26,47% (Wasjutin, 1958).

Constituintes químicos: na casca e no lenho, foram encontrados alcalóides e cumarina (Sakita & Vallilo, 1990).

Óleos essenciais: pouca presença no lenho (Sakita & Vallilo, 1990).

Saponinas: apresenta maior quantidade no lenho e menor quantidade na casca (Sakita & Vallilo, 1990).

Medicinal: na medicina popular, a casca (amarga e adstringente) é usada em chás para combater a febre (Correa, 1978).

Paisagístico: é usada em paisagismo, principalmente em parques (Cesp, 1988, Toledo Filho & Parente, 1988).

Reflorestamento para recuperação ambiental: é recomendada para a recuperação

de ecossistemas e restauração de matas ciliares em locais sem inundação.

Principais Pragas

Às vezes, o ataque de cupim na madeira deixa o tronco oco. É também atacada por ácaros (Vila & Flechtmann, 1970).

Espécies Afins

Ocorrem cerca de 60 espécies no gênero *Aspidosperma* Mart. & Zucc., do México até a Argentina (Woodson, 1951).

Aspidosperma cylindrocarpon M. Arg., peroba-poca, é a espécie mais próxima de *A. polyneuron*, da qual se separa pelo porte menor, folhas com pecíolo longo e nervuras laxas, inflorescências paniculadas e frouxas, e sobretudo pelos frutos semelhantes, porém, duas vezes maiores, quase cilíndricos (Rizzini, 1971).

Embrapa

Florestas

Referências Bibliográficas

clique aqui